

# “Alma de Corno” Revisited: mais fragmentos malditos de Fernando Pessoa

Carlos Pittella\*

## Keywords

Fernando Pessoa, Profane Poetry, Sonnet, Scorn, Slander, Alma de Corno, José Fialho de Almeida, Gaudêncio Nabos, Francisco Paú, *O Palrador*.

## Abstract

Two unpublished fragments are hereby reproduced and connected to the controversial sonnet “Alma de Corno” by Fernando Pessoa, published in the first issue of the *Granta* magazine in Portugal, in June 2013. Both fragments are dedicated to a “J. F.”, possibly a reference to J[osé] F[ialho] de Almeida. The identification of these fragments as drafts of “Alma de Corno” has implications regarding the study of the profane in Pessoaan works. The presentation of these documents includes: 1) a summary of the controversy following the publication of the sonnet “Alma de Corno” and its state of the arts; 2) an investigation of the causes and consequences of this controversy; 3) an answer to the doubts of attribution and authorship of the sonnet; 4) an appraisal of the occurrences of the name “Fialho” within the Pessoaan works already published; and 5) a conclusion about the relevance of the discovered drafts, when considered together with the poem “Alma de Corno”.

## Palavras-chave

Fernando Pessoa, Poesia Profana, Soneto, Escárnio, Maldizer, Alma de Corno, José Fialho de Almeida, Gaudêncio Nabos, Francisco Paú, *O Palrador*.

## Resumo

Reproduzem-se aqui dois fragmentos inéditos relacionados ao controverso soneto “Alma de Corno” de Fernando Pessoa, publicado no primeiro número da revista *Granta* em Portugal, em junho de 2013. Ambos os fragmentos são dedicados a um “J. F.”, possivelmente uma referência a J[osé] F[ialho] de Almeida. O reconhecimento desses fragmentos como rascunhos de “Alma de Corno” traz implicações para o estudo do profano na obra pessoana. A apresentação dos novos documentos inclui: 1) um resumo da controvérsia subsequente à publicação do soneto “Alma de Corno” e o estado dessa questão; 2) uma investigação das causas e conseqüências dessa controvérsia; 3) uma resposta às dúvidas de atribuição e autoria do soneto; 4) um balanço das ocorrências do nome “Fialho” na obra pessoana já publicada; e 5) uma conclusão sobre a relevância dos rascunhos descobertos, quando tomados em conjunto com o poema “Alma de Corno”.

---

\* Pesquisador associado ao *Global Citizenship Institute*, Chicago.

## 1. Apresentação

Dois inócuos papélicos (ou, antes, dois *pedaços* de papel) escritos apenas de um lado e rasgados numa das margens (como se tivessem sido arrancados de um caderno ou calendário); uma escrita bastante ilegível, feita à caneta preta muito ligeira; nenhuma assinatura ou data; nove versos ao todo (um deles completamente riscado); muitos espaços em branco (um poema sem o meio, o outro só com o meio); um total de cinquenta e duas palavras, ou cinquenta e quatro se contarmos as iniciais "J. F." que servem de título a ambos os fragmentos; dentre essas palavras, pelo menos três palavras impúblicas; muitas indicações de que os fragmentos representam rascunhos do soneto completo "Alma de Corno"; e, enfim, perguntas...

— Quem seria este "J. F." que intitula os fragmentos?

— Quem seria o "F. P." que assina o poema "Alma de Corno" na versão posterior desses rascunhos (publicada no primeiro número da revista *Granta* em Portugal)?

— Por que "F. P." estaria xingando "J. F."?

— Seria mesmo Fernando Pessoa capaz de xingamentos tão brutais, feitos sem a máscara protetora de um heterônimo?

— Quão bem realmente conhecemos Fernando Pessoa?

O "mais completo", "mais complexo" e "mais harmônico" – foi como o heterônimo Álvaro de Campos qualificou o ideal de "super-homem", na conclusão do seu *Ultimatum* (PESSOA, 1917). Tal qualificação muito bem se aplica ao "super-poeta" Fernando Pessoa, um fenômeno semiótico que cresce exponencialmente para fora e para dentro, como um labirinto cada vez mais complexo, em que se descobrem mais e mais caminhos possíveis.

Cada vez conhecemos mais personagens, idiomas e estilos pessoanos – e os conhecemos melhor. Por exemplo, a magnitude da obra inglesa do poeta apenas agora se vislumbra (FERRARI e PITTELLA, 2014). Outras facetas pessoanas, talvez menos nobres, mas não menos interessantes, emergem dessa investigação *in fieri*. Uma dessas (chamemos a faceta "profana") pode ser simbolizada pelo control vertido soneto "Alma de Corno" (in PIZARRO e PITTELLA, 2013: 102-103).

Alma de corno — isto é, dura como isso;  
 Cara que nem servia para rabo;  
 Idéas e intenções taes que o diabo  
 As recusou a ter a seu serviço —

Ó lama feita vida! ó trampa em viço!  
 Se é p'ra ti todo o insulto cheira a gabo  
 — Ó do Hindustão da sordidez nababo!  
 Universal e essencial enguiço!

De ti se suja a imaginação  
 Ao querer descrever-te em verso. Tu  
 Fazes dôr de barriga á inspiração.

Quér faças bem ou mal, hyper-sabujo,  
 Tu fazes sempre mal. És como um cú,  
 Que ainda que esteja limpo é sempre sujo!

F. P.

(BNP/E3, 36-10<sup>o</sup>)

Incluindo, no verso 13, o palavrão-mor da língua portuguesa em posição de rima, este soneto chulo assinado por "F. P." gerou polêmica ao ser publicado em 2013. Embora já conhecêssemos violentos xingamentos dispersos pela obra do heterônimo Álvaro de Campos (PESSOA, 1999 & 2015), desconhecíamos casos de severo escárnio e maldizer atribuíveis ao ortônimo.

Alguns hesitaram em reconhecer "Alma de Corno" como um poema legítimo de Fernando Pessoa; a pesquisadora pessoana Teresa Rita Lopes, entrevistada a respeito dos sonetos publicados na *Granta*, declarou: "Tudo o que há de poemas do Pessoa já foi editado. Pode haver um verso solto, mas os poemas já estão fixados" (in FAGGIANI e COSTA, 2013). Tomando conhecimento dessa declaração, o editor da *Granta* lançou, nas mídias sociais, um desafio público para que se provasse o não ineditismo dos poemas, caso já tivessem sido de fato publicados. Estava formada a polêmica.

Independentemente dos méritos dessa controvérsia, ela parecia apontar para uma interessante sensação de desconforto causada pela introdução de "Alma de Corno" no legado pessoano: como poderia um poema tão chulo coexistir ao lado da espiritualidade de *Mensagem*, da grandiosidade de "Tabacaria", da filosofia de "O Guardador de Rebanhos"?

Entretanto, a *Revista Mário de Andrade* (RMA), em edição especial com o título *Obscena*, convidou-me a escrever um artigo acadêmico defendendo o soneto "Alma de Corno" como parte legítima da obra de Fernando Pessoa. Num texto sobre a coexistência do sagrado e do profano na poesia pessoana, desenvolvi o raciocínio de atribuição do poema, respondendo às dúvidas a respeito de sua autenticidade (dúvidas que decerto também tive, quando encontrei o manuscrito de "Alma de Corno" pela primeira vez, durante minha pesquisa de doutoramento; cf. PITTELLA, 2012).

Na defesa para a RMA, discuti a possibilidade de atribuirmos o poema (com sua assinatura "F. P.") não ao ortônimo, mas ao pouco conhecido "Francisco Paú" (que compartilha as iniciais do ortônimo). Paú, diretor da seção humorística do jornal (fictício) *O Palrador*, plausivelmente estaria a dirigir invectivas ao patrão "Gaudêncio Nabos" (outra personagem pessoana), diretor do mesmo jornal. Um suporte para essa hipótese, levantada pelo prof. Jerónimo Pizarro, está na

existência das ridicularizantes rimas em "-abo" do soneto (*rabo, diabo, gabo e nababo*), a esgrachar os sobrenome "Nabos" do fictício patrão.

Por outro lado, este diálogo entre *personae* é, evidentemente, um diálogo de um autor consigo mesmo; de modo que também seria produtiva uma leitura psicológica do soneto, atribuindo-se a assinatura "F. P." ao próprio Fernando Pessoa. Teríamos, assim, uma interpretação sensivelmente mais dura, quicá sombria... tal como se poderia ler o soneto de auto-esgracho de Mário de Sá-Carneiro, intitulado "Aquele Outro", em que o amigo real de Pessoa brutalmente se auto-qualifica "o Esfinge gorda" dois meses antes de suicidar-se (SÁ-CARNEIRO, 2001).

O suposto problema de adequação de um soneto chulo na obra pessoana parecia, pois, estar em nossa própria interpretação do que seria *apropriado* (simplesmente "*in the eye of the beholder*", para usar a expressão inglesa). Ao consagrar o grande poeta português, teríamos promovido uma imagem certamente *incompleta* de uma obra *incompletamente* publicada. Nossa ignorância diante do *todo* da obra gerara, assim, a incompatibilidade de uma *parte* mais profana até então desconhecida.

Nesse sentido, foi preciso perguntar: como um soneto completo e bastante legível de Fernando Pessoa poderia ter ficado inédito por tanto tempo? Talvez nosso próprio pudor tenha retardado a publicação, visto que praticamente todos os manuscritos mais legíveis da poesia portuguesa de Pessoa já tinham sido publicados.

Após a defesa do poema "Alma de Corno" publicada na RMA, o pesquisador José Barreto descobriu, no espólio pessoano guardado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), dois fragmentos (BNP/E3, 66C-45 & 66C-46) que constituem rascunhos do soneto maldito – uma descoberta com implicações para a polêmica do *profano* em Pessoa. Embora sem data e sem assinatura, ambos os documentos encontrados apresentam o título "J. F.". Barreto imediatamente levantou a hipótese de que seriam poemas "dedicados" (*maliciosamente dirigidos*) não a uma personagem pessoana, mas sim ao escritor de carne-e-osso J[osé] F[ialho] (de Almeida), sobre quem Pessoa – como lembrava Barreto – tinha maligna opinião.

Logo, além de Gaudêncio Nabos (personagem) e do próprio Fernando Pessoa (ortônimo), agora o poema "Alma de Corno" ganhava um terceiro possível destinatário: Fialho de Almeida, uma pessoa real para além do universo pessoano.

Quem foi Fialho de Almeida? E, que opinião concreta Pessoa tinha dele? Ora, sabemos que Fialho foi um célebre escritor português contemporâneo de Pessoa, ainda que trinta anos mais velho e, portanto, representante de uma geração literária anterior. A fim de responder à segunda pergunta, podemos consultar algumas referências a Fialho na obra pessoana, avaliando se constituem apreciações positivas ou não. Localizamos sete ocorrências do nome "Fialho" na

obra pessoana já publicada: num poema solto, no "Diário de Vicente Guedes", numa reflexão sobre a ternura, em duas cartas a Adriano del Valle e, por fim, em duas passagens do *Livro do Desasocego* (LD).

Apresentamos, a seguir, excertos desses textos pessoanos, em ordem cronológica; os colchetes indicativos de data, espaços em branco e supressões de citação, assim como os grifos do nome **Fialho** são todos nossos; a ortografia é a original de Pessoa, presente nos testemunhos.

[Janeiro de 1909]

Um serralheiro chamado **Fialho**  
Tinha uma chave que [            ]  
Com ella muita porta abria. . .  
Aqui a historia principia.

Tanta porta abriu o senhor **Fialho**  
Com a tal chave que era caralho  
Que a chave alfim se escangalhou  
E aqui o conto acabou.

(BNP/E3, 56-18r; cf. LOPES, 1990: 217)

[11 de Maio ou 22 de Agosto de 1914]

Vieram dar-me hoje a noticia de que morreu **Fialho** de Almeida. Foi ha 3 annos, parece, mas quem, como eu, não vive annexo ás variações da immoralidade do meio, pouco ou nada sabe, senão por accaso, á respeito das fluctuações, como [    ] e mortes, no mercado dos pederastas.

Em todo o caso, como elle morreu, e era collega, porque escrevia, não quero deixar de pôr aqui umas notas dignas d'elle, e tanto quanto possivel á maneira d'elle, tratando-o como elle tratou os mortos. Assim estas minhas palavras serão como que uma continuação da attitude d'elle, fal-o-hão ressuscitar temporariamente, parecerá (salvo o melhor do estylo, sobretudo quanto a decencia e linha) que é elle proprio que, desdobrado, acordou, e me escreveu sobre /o conhecer de/ si-proprio.

A figura de **Fialho** de Almeida forma-se de 3 elementos: era um homem do povo, um pederasta e um grosseirão, creatura da steppe alentejana, com callos na sensibilidade humana, e uma depressão onde devia ter a bossa da delicadeza. Tirante o amôr á paysagem e aos homens, nada o attrahia para nada, mettido sempre na □

("Diario de V[icente] G[uedes]" – BNP/E3, 14C-8; cf. LOPES, 1990: 230)

[1915?]

O costume de definir o portuguez como essencialmente lyrico, ou essencialmente amoroso – absurdo, porque não ha povo quasi nenhum que não seja estas duas cousas. Ao mesmo tempo vê-se que, ainda que a expressão falhe, há qualquér cousa de verdade, que não chega a descobrir-se, n'estas phrases.

O que é que ha de quasi-indefinivelmente portuguez, de portuguezmente commum excepto a lingua, a Bernardim Ribeiro, Camões, Garrett, Anthero de Quental, Antonio Nobre, Junqueiro, Corrêa d'Oliveira, Pascoaes, Mario Beirão?

Em primeiro logar, é uma *ternura*. Mas o que é uma ternura?

Ternura vaga [ ] em Bernardim Ribeiro, ternura que rompe a casca de estrangeirismo de Camões, no seu auge ternura heroica [ ], ternura metaphysica em Anthero (curiosíssima phase da ternura que dá corpo ao abstracto, e pode amar realmente um Deus que seja realmente uma formula mathematica); ternura por si-proprio e pela sua terra — \*esquiva, espontanea e com o lado-tristeza accentuado, em Antonio Nobre, ternura pela paisagem em **Fialho**, ternura que chega a assomar ás janellas da alma de Eça de Queiroz □

(“A Ternura Lusitana ou A Alma da Raça”; BNP/E3, 19-107; cf. BOTHE, 2013: 143)

[14 de Setembro de 1923]

Querido amigo:

Para não demorar mais a remessa de algum dos livros dos prosadores portuguezes, envio-lhe hoje, registado, o “Serão Inquieto” do Antonio Patricio. É um dos mais perfeitos livros de contos que se teem escripto em Portugal. Creio que appareceu cerca de 1909 ou 1910. Mesmo a segunda edição (identica á primeira), que é a que lhe envio, me custou bastante a encontrar, pois está, pode dizer-se, exgottada.

[...]

Tem algum livro de contos de **Fialho** de Almeida? Se não tem, há que conhecel-os, e já fico sabendo que lhe devo enviar esses tambem.

No seu pedido, relativo a novellistas portuguezes, ha duas difficuldades para a realização. Em primeiro lugar, não ha muitos novellistas (isto é, contistas) portuguezes, mesmo relativamente ao numero de escriptores; e, como não ha muitos, menos ainda ha que sejam bons, e cujas obras portanto valha a pena enviar-lhe. Em segundo lugar, a nenhum d’estes bons se applica (creio) a circumstancia de se poderem traduzir os seus contos sem pagar direitos de author. Talvez, em todo caso, o Patricio e o Aquilino concedessem licença. O **Fialho** morreu já ha annos; as suas obras são propriedade do editor; por certo não haverá maneira de conseguir essas cousas *graciosas* com um editor! Em todo caso, vale-lhe a pena conhecer o **Fialho** — para o conhecer, ainda que não para traduzil-o.

(Carta a Adriano del Valle; BNP/E3, 114<sup>3</sup>-49<sup>r</sup>; cf. LOPES, 1993: 323-324)

[1º de Junho de 1924]

Querido e apreciado amigo:

Mando-lhe amanhã, registados, mais dois livros. Não os mandei antes porque não sabia se valia a pena fazer o envio durante a semi-gréve postal. Agora, que, embora a gréve ainda dure, os serviços postaes estão quasi normalizados, faço a remessa.

Vão “O Paiz das Uvas”, de **Fialho** d’Almeida — author e obra consagrados, e onde vêm o conto “Os Pobres”, prodigioso pelo estylo, e o curioso “Trez Cadaveres”; e o “Leomil”, de Antonio de Séves, escriptor novo, de grande valor, que neste seu primeiro livro faz um regionalismo curioso, differente do que ha ás vezes no Aquilino.

Estou certo que ha de gostar dos dois livros.

(Carta a Adriano del Valle; BNP/E3, 114<sup>3</sup>-54<sup>r</sup>; cf. LOPES, 1993: 326)

[1929?]

Sempre que podem, sentam-se defronte do espelho. Falam comnosco e namoram-se de olhos a si mesmos. Por vezes, como é natural nos namoros, distrahem-se da conversa. Fui-lhes sempre sympathico, porque a minha aversão adulta pelo meu aspecto me compelliu sempre a escolher o espelho como coisa para onde virasse as costas. Assim, e elles de instincto o reconheciam tratando-me sempre bem, eu era o rapaz escutador que lhes deixava sempre livres a vaidade e a tribuna.

Em conjunto não eram maus rapazes; particularmente eram melhores e peores. Tinham generosidades e ternuras insuspeitáveis a um tirador de medias, baixezas e sordidezes difíceis de adivinhar por qualquer ente humano normal. Miséria, inveja e illusão — assim os resumo, e nisso resumiria aquella parte d'esse ambiente que se infiltra na obra dos homens de valor que alguma vez fizeram d'essa estancia de ressaca um pousio de enganados. (É, na obra de **Fialho**, a inveja flagrante, a grosseria reles, a deselegancia nauseante. . .)

(LD; BNP/E3, 1-20r; PESSOA, 2010: 200)

[18 de Setembro de 1931]

Gósto de dizer. Direi melhor: gósto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interêsse de nenhuma espécie — nem sequer mental ou de sonho —, transmudou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de **Fialho**, tal página de Chateaubriand, fazem formigar tôda a minha vida em tôdas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto de um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintáctica, me faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida.

(LD; Descobrimento, n.º 3; cf. PESSOA, 1931: 409-410 & 2010: 325)

Como avaliar estas referências a Fialho, que se estendem por quatro décadas da obra pessoana? Ora, se identificamos o "serralheiro chamado Fialho" do poema de 1909 como de fato sendo "Fialho de Almeida" (que nunca foi serralheiro), a referência mais antiga é claramente maligna, maldizendo a suposta homossexualidade do autor. Não por acaso o texto é atribuído ao maledicente Joaquim Moura Costa, também conhecido pelas iniciais "JMC" com que assina um "Soneto de Mall Dizer" dirigido a Teófilo Braga (*in* PIZARRO e PITTELLA, 2013).

O segundo "Fialho" surge num necrológio três anos atrasado feito por Vicente Guedes, que empreende uma despropositada vingança literária (despropositada porque Fialho não parecia ter inimidades para com Pessoa). Infringindo o preceito de que não se deve falar mal dos mortos, Guedes faz uma rudíssima descrição do falecido e defende tal rudeza, dizendo empregar o estilo do próprio Fialho para fazer "umas notas dignas d'elle, e tanto quanto possível á maneira d'elle, tratandol o como elle tratou os mortos".

O terceiro texto já não contém sarcasmo ou rancor. Embora o tom seja apenas declarativo quando Pessoa menciona "a ternura pela paysagem em Fialho", algo de valor parece ser atribuído ao escritor outrora atacado, visto que seu nome surge entre uma plêiade de grandes autores portugueses.

As cartas a Adriano del Valle são indubitavelmente positivas, a recomendar Fialho como importante contista português.

A primeira passagem extraída do LD, ainda que não positiva, tampouco é indiscutivelmente negativa; em verdade, talvez seja *indiferente* em questões de

juízo de valor, pois talvez se trate apenas de uma descrição dos temas (discutíveis ou não) desenvolvidos pelo autor em questão.

Finalmente, no último trecho (também do *LD*) a referência é claramente elogiosa, ou mesmo carinhosa, emocionante.

Como é que o mesmo Pessoa poderia avaliar Fialho tão negativa e tão positivamente? Ora, não seria o primeiro autor a receber um tratamento contraditório da pena pessoana: Guerra Junqueiro, Camões e Shakespeare (PESSOA, 1998), para citar apenas três, igualmente sofreram elogios e impropérios superlativos. Uma interpretação plausível está na própria cronologia das referências a Fialho: se Joaquim Moura Costa e Vicente Guedes (personagens pessoanas de juventude) atacavam Fialho, com o passar do tempo, um Pessoa mais maduro (através do ortônimo e de Bernardo Soares) teria reconhecido um valor cada vez maior na obra inicialmente desprezada.

Neste balanço crítico da obra de Fialho por Pessoa, contamos dois votos contra, dois indiferentes e três a favor. Se incluíssemos, porém, "Alma de Corno" nesta eleição, teríamos um empate; ou, poder-se-ia argumentar que a brutalidade de "Alma de Corno" (e dos rascunhos dedicados a J. F.) alteraria dramaticamente os resultados da eleição. Contudo, há ainda fragmentos inéditos sobre Fialho e sua obra, que precisariam ser transcritos e analisados para uma apreciação mais conclusiva.

Lembremos, em tempo, que nossa investigação de Fialho na obra pessoana reside na hipótese de que o "J. F." dos fragmentos descobertos seja mesmo J[osé] F[ialho] (de Almeida). Mas não é só de incertezas que se fazem esses documentos, pois eles resolvem de uma vez por todas qualquer dúvida sobre a autoria do soneto "Alma de Corno": fora a rudeza xingatória que se quereria não-pessoana (que defendemos como pessoana), fora a assinatura "F. P." do manuscrito (que atribuímos a Francisco Paú ou a Fernando Pessoa), a dúvida residia em o testemunho de "Alma de Corno" ter uma caligrafia altamente legível e nenhuma emenda, como se tivesse surgido de modo miraculosamente perfeito, sem esboços – o que poderia indicar um poema não *de Pessoa*, mas apenas *copiado por Pessoa*. Ora, como os fragmentos agora encontrados são claramente rascunhos do soneto em questão, a dúvida está encerrada.

A "Alma de Corno" é, indiscutivelmente, pessoana!

Tal como tantas outras almas...\*

---

\* Passando aos documentos, renove-se um agradecimento a José Barreto e a Jerónimo Pizarro, por terem acompanhado este trabalho e por terem colaborado para resolver, tanto quanto possível, as dúvidas de transcrição.



Documentos

I. Inédito. Manuscrito a tinta preta numa folha solta. Sem data ou assinatura.

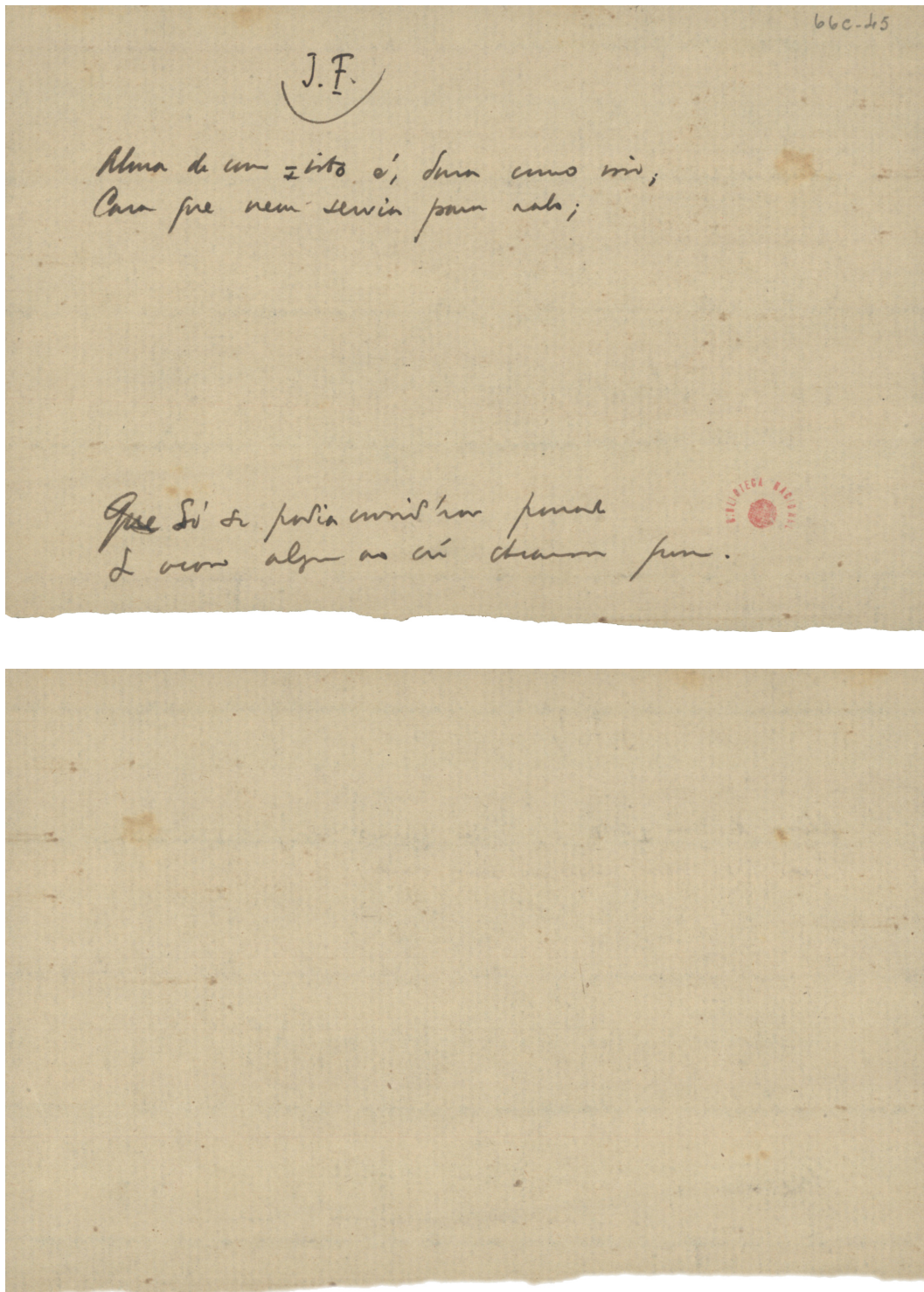


Fig. 1. [BNP/E3, 66C-45]

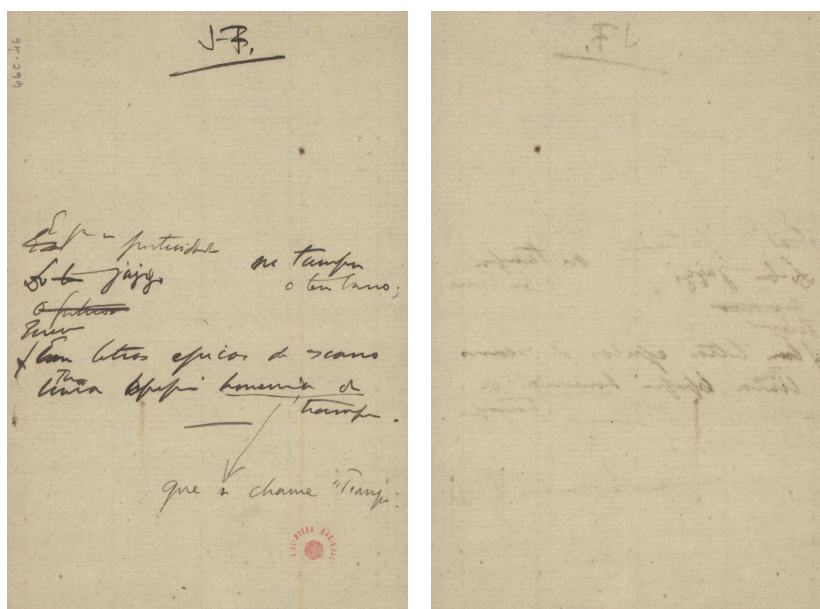
J.E.

- 1 Alma de corno – isto é, dura como isso;  
 Cara que nem servia para rabo;
- 3 [ ]  
 [ ]
- 5 [ ]  
 [ ]  
 [ ]  
 [ ]
- 10 [ ]  
 [ ]  
 [ ]
- 13 Só se podia consid'rar porrada
- 14 Se acaso alguém ao cú chamasse porra.

## NOTAS

- 1 Alma de corno<>[↑ –] isto é, dura como isso;
- 3 *Sabemos tratar-se de um rascunho do soneto "Alma de Corno" (BNP/E3, 36-10<sup>r</sup>), de incipit idêntico, um poema cuja versão final viria a empregar o mesmo palavrão "cú" em sua conclusão; ora, perante o rascunho de um soneto, podemos deduzir o número de versos em branco entre os primeiros e os últimos rascunhados neste documento.*
- 13 <Que> Só se podia consid'rar porrada ] *note-se a contração, incomum em Pessoa, de uma vogal do verbo "considerar" (evidenciando a pronúncia à Portuguesa), a fim de tornar o verso decassílabo.*
- 14 *Talvez se sinta a necessidade de comentar a brutalidade (seja homofóbica, seja apenas infeliz) dos últimos versos; no entanto, não cabe a nós justificar ou desculpar Pessoa; lembremos que poemas como a "Ode Triunfal" e a "Ode Marítima" do heterônimo Álvaro de Campos (PESSOA, 1999 e 2015), ou o "Epithalamium" do ortônimo (PESSOA, 1993) são todos aceitos no cânone pessoano, incluindo passagens chocantes, despudoradas e mesmo sado-masoquistas.*

## II. Inédito. Manuscrito a tinta preta numa folha solta. Sem data ou assinatura.

Fig. 2. [BNP/E3, 66C-46<sup>r</sup>]**J-F.**

- 1 E que a posteridade [ ] na tampa
- 2 Do <\*teu jazigo [ ] o teu barro;
- 3 Escreva em letras épicas de escarro
- 4 Tua epopeia que se chame "Trampa".

## NOTAS

- 1 Provavelmente estamos diante de outro soneto incompleto, dado que o poema apresenta o mesmo escárnio e maldizer do outro texto dirigido a "J. F.", que já reconhecemos como rascunho associado ao soneto "Alma de Côrno" (cf. PESSOA, 2013). Ainda, este novo fragmento contém pelo menos uma invectiva específica usada na versão final de "Alma de Côrno" (i. e. "trampa"). No entanto, diferentemente do texto 66C-45<sup>r</sup>, aqui não se pode afirmar com certeza quais versos do suposto soneto teriam sido deixados em branco.
- 2 Do <\*teu> ou Do \*teu ] como o verso está incompleto, hesitamos entre ler a segunda palavra como um "teu" riscado, ou apenas como um "teu" com um longo traço vertical a cortar o "t".
- 3 <O futuro> [↓ Escreva] [↓ Em letras épicas de scarro] a palavra riscada parece indicar uma versão primeira do verso abaixo, o que dá ao fragmento o total de apenas quatro (em vez de cinco) versos; nesse caso, temos um quarteto com rimas interpoladas (ABBA = tampa /barro /lescarro / Trampa), provavelmente o segundo quarteto de um soneto, dado o espaço em branco entre o título do poema e a estrofe em questão. Anteposta a "Em", há uma espécie de cruz ou linha cortada que, em geral, interpretamos como sinal de hesitação do verso (ou de parte do verso) pelo autor.
- 4 Uma [↑ Tua] <h>/e\popeia horrenda de [ ] trampa [↓ que se chame "Trampa".] há um sinal horizontal de hesitação sob as palavras "horrenda de".

## Bibliografia

- AVELAR, Mafalda de (2013). *Pessoa tem centenas de poemas inéditos – entrevista com Jerónimo Pizarro*, in *Folha de São Paulo*, 24 de Maio, Folha Ilustrada, p. E3.
- BOTHE, Pauly Ellen (2013). "A Ternura ou a Alma Lusitana", in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 3, Primavera, pp. 141-150.
- FAGGIANI, Nádja; COSTA, Gilberto (2013). *Os heterônimos aperfeiçoaram Fernando Pessoa – entrevista com Teresa Rita Lopes*, in *Agência Brasil*, 13 de Junho. Internet: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-06-13/os-heteronimos-aperfeicoaram-fernando-pessoa>.
- FERRARI, Patricio; PITTELLA, Carlos (2014). "Four Unpublished English Sonnets (and the Editorial Status of Pessoa's English Poetry)", in *Portuguese Literary & Cultural Studies* (special issue: *Fernando Pessoa as English Reader and Writer*), n.º 28, pp. 2271–246.
- LOPES, Teresa Rita (1993) (Coord.). *Pessoa Inédito*. Lisboa: Livros Horizonte.
- \_\_\_\_ (1990). *Pessoa Por Conhecer – Textos para um Novo Mapa*. Lisboa: Estampa.
- PESSOA, Fernando (2015). *Álvaro de Campos – Obra Completa*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_ (1999). *Poemas de Álvaro de Campos*. Fixação do texto, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- \_\_\_\_ (1998). *Obra em Prosa*. Organização de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- \_\_\_\_ (1993). *Poemas Ingleses: Antinous, Inscriptions, Epithalamium, 35 Sonnets*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_ (1931). "Gósto de dizer.", in *Descobrimento – Revista de Cultura*, n.º 3. Lisboa, pp. 409-410.
- \_\_\_\_ (1917). "Ultimatum", in *Portugal Futurista*, n.º 1. [Ed. Fac-similada: Lisboa, Contexto, 1981].
- PITTELLA, Carlos (2013). "'Alma de Corno' e Outros Espíritos Malditos em Pessoa", in *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, n.º 69 (*Obscena*), São Paulo, pp. 681–79.
- \_\_\_\_ (2013). "Pessoas que Investigam Pessoa", in *O Globo*, Caderno Prosa & Verso, 29 de Junho, Rio de Janeiro, pp. 7-8.
- \_\_\_\_ (2012). *Pequenos Infinitos em Pessoa: uma aventura filológica-literária pelos sonetos de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Tese de doutoramento disponível na biblioteca da PUC. [http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0813690\\_2012\\_Indice.html](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0813690_2012_Indice.html)
- PIZARRO, Jerónimo; PITTELLA, Carlos (2013). "Como se 'Eu' fluísse... cinco inéditos de Pessoa", in *Revista Granta*, n.º 1 (*O Eu*), Lisboa, Junho, pp. 951–117. [Edição da Tinta da China.]
- SÁ-CARNEIRO, Mário (2001). "Aquele Outro", in *Poemas Completos*. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim.